

Saúde e educação na primeira infância – uma interlocução a partir da ética da psicanálise

Eloisa Tavares de Lacerda*

Melgaço R G (org.). A ética na atenção ao bebê: Psicanálise – Saúde – Educação. São Paulo, Casa do Psicólogo, Coleção Primeira Infância; 2006.

A iniciativa de publicar um livro em que se relatam desde as experiências clínicas e educacionais até as reflexões teórico-clínicas sobre a primeira infância já é por si só valiosa. Mas posso elencar mais três motivos fundamentais para referendar este livro como leitura obrigatória, tanto para clínicos como para educadores: o primeiro é porque nesses relatos o leitor, que está iniciando na área, já se sente dividindo suas questões com os autores. O segundo é porque os leitores que são “profissionais mais tarimbados” se sentem ou interrogados, ou identificados com os autores. O terceiro, porque o livro, como o próprio nome diz, põe na berlinda uma questão que é fundamental e central na prática com os bebês e seus pais: a ética. E, como se isso não fosse suficiente, finalmente, porque o livro mostra a possibilidade de apresentar uma questão de tamanha envergadura numa perspectiva interdisciplinar e também em atendimentos nos mais diversos locais por onde passam os bebês e as pequenas crianças, em geral, junto com seus pais e/ou cuidadores: berçários, creches, hospitais, consultórios particulares e institucionais.

Da safra dos profissionais que trabalham com o bebê e a primeira infância e todo o seu entorno, destaco a importância de o leitor poder encontrar em um mesmo livro autores internacionais e vários autores nacionais. Nesse desenrolar de pequenos textos, o que se vê é a construção de um enorme tecido de reflexão sobre o sujeito e sobre o que cabe ou não cabe fazer, do ponto de vista da ética,

com ele e seus pais nos mais diversos espaços por onde eles circulam. Ao tomar para mim o desafio de resenhar um livro como este, meu diálogo passa a ser, não apenas com o livro, seus autores e seus futuros leitores, mas com o modo pelo qual ele foi constituído: a partir do V Encontro Nacional sobre o Bebê. Trata-se de uma coletânea de artigos organizados pela psicanalista Rosely Gazire Melgaço (Membro da Abebê – BH), a partir do V Encontro Nacional sobre o Bebê, que aconteceu em Belo Horizonte, MG, em 2004.

O V Encontro Nacional sobre o Bebê escolheu o tema da Ética num momento apropriado. A Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê – Abebê – abre um espaço de debate interdisciplinar sobre os avanços da tecnociência sobre a vida humana, especialmente sobre o bebê. Porque ele não é apenas um corpo, é um mistério. Não é apenas um projeto: é um sonho. Não é um objeto, mas um sujeito. (Vital Didonet – Membro da Abebê – Brasília, p. 38, no seu texto “A pergunta pelos fundamentos da Ética”).

O Encontro Nacional é promovido pela Abebê – Associação Brasileira de Estudos sobre o Bebê, da qual me permito fazer uma breve apresentação ao leitor. A Abebê é uma associação multiprofissional, sem fins lucrativos, criada com o objetivo de trabalhar em favor do desenvolvimento de condições propícias para a vida do bebê – da concepção até os três primeiros anos de vida. Propõe-se a

* Psicanalista membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, fonoaudióloga professora da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP, coordenadora do curso de especialização Clínica Interdisciplinar com o Bebê – a saúde física e psíquica na primeira infância, da Cogear/PUC-SP, coordenadora do NiBb – Núcleo Interdisciplinar da Deric/PUC-SP e membro fundadora da Abebê.

atuar elaborando, promovendo e apoiando estratégias e ações inovadoras, comprometidas com o atendimento às necessidades da primeira infância, visando sua aplicação prática em larga escala. Empenha-se, ainda, na realização de outros eventos, além do Encontro Nacional, com o objetivo de divulgar as ações e pesquisas voltadas para a primeira infância em nosso país, assim como o de proporcionar espaços de interlocução entre os profissionais brasileiros e colegas estrangeiros. Elaborar, apoiar e implementar propostas de valorização, qualificação e formação continuada de profissionais em diferentes níveis. Promover e participar de campanhas contra situações constrangedoras, de negligência ou de maus-tratos de crianças. Subsidiar por meio de pesquisas e estudos as políticas públicas e os programas que visem garantir a universalidade e a qualidade da atenção à gestante, à pequena criança e à família.

O livro, que tem a ética debatida por três campos – Educação, Psicanálise e Saúde –, por seu tema central ter um caráter tão abrangente, é composto de seis partes: mas cabe-me mostrar o que diz a psicanalista Rosely na apresentação desta coletânea:

Estar diante de um bebê é, por vezes, perturbador e fascinante, pólos de uma aparente contradição... A convocação ética é imperativa naquilo que não se pode ceder, na direção indicada para que um determinado trabalho aconteça. Não perder, então, a direção ética, eis nosso compromisso, “até o fim”... o recém-nascido como “pai da ética” ao propor quebrar com os ditames coletivos e predeterminados “do certo e do errado”, “do bem e do mal” e escolher seguir adiante nas vias do particular, apesar de todos os estruturantes mal-entendidos da estrada do ser falante. (P. 9)

Parte 1 – Origens e impactos na constituição psíquica

“As condições de humanização” é o texto da psicanalista Sílvia Bleichmar, que traz a ética a partir dos aspectos precoces da constituição subjetiva. Nele, Sílvia afirma que o processo de humanização é um movimento de “desadaptação” do biológico originário, até as possibilidades futuras de o ser humano poder tomar a si seu próprio cuidado, explicitando em seu texto como se dá essa passagem, que é mediada por um cuidador de excelência, geralmente a mãe. Temos ainda Claude Boukobza, que nos presenteia com o texto “Cons-

tance – Uma criança resgatada da medicina”, quando ela nos conduz pelos caminhos da subjetividade de uma pequena criança com um importante quadro clínico orgânico. Constance é “reanimada psiquicamente” pelas mãos da psicanalista, que a recebe da medicina e a faz trilhar por seus sintomas que fazem eco à história de um de seus pais.

Parte 2 – A ética em suas várias dimensões

Aqui, a ética é trazida aos leitores em suas várias dimensões e campos: Educação, Filosofia, Fonoaudiologia, Pediatria e Psicanálise. Todos os textos são muito interessantes e importantes, mas discorro sobre “Ética e transdisciplina na clínica com o bebê”, texto da fonoaudióloga Ethel Akkerman em parceria com a psicóloga Lou Muniz, por achar que o mesmo tem muito a ver com o perfil do leitor desta revista. Nele, as autoras abordam os sinais de “risco bio-psico-social” do bebê numa UTI neonatal, passando pelos temas “Sucção e pulsão oral”, “Ética e sinais de estresse do recém-nascido”, em que colocam algumas recomendações e considerações interessantes, fundamentadas na teoria psicanalítica. No mais, temos o texto citado acima, de Vital Didonet, que descortina toda uma fundamentação filosófica até aportar na ética da educação; o belo texto do pediatra Leonardo Posternak, que traz um rol de tópicos fundamentais para se iniciar qualquer discussão que pretenda ser ética sobre a Ética e a Pediatria; além de todos os outros.

Parte 3 – Clínica psicanalítica com bebês

Nesta parte, podemos compreender a abrangência de uma clínica que tem oferecido à fonoaudiologia uma teoria consistente na qual se pautar, sem que com isso o fonoaudiólogo perca seu foco clínico de intervenção; ao contrário, com esses textos, ele poderá ver o que é o trabalho do psicanalista nesses tempos tão primeiros e pode fazer um recorte daquilo que é mesmo o trabalho de sua área clínica, sem sobrepor fazeres... E temos aqui duas psicanalistas falando sobre a clínica: Leda Bernardino (Paraná) está pautada na teoria lacaniana e Sílvia Zornig (Rio de Janeiro) está pautada em outros autores que não os lacanianos. Para mim, os textos de ambas se complementam.

O texto “Clínica da intervenção precoce: entre a origem e o originário” é a linda e consistente con-



tribuição da psicanalista da PUC-RJ, Silvia Abu-Jamra Zornig que, já de início, oferece um fragmento clínico que aponta para o traumático do adulto no universo da sexualidade infantil. Silvia trabalha com ele de uma forma interessante, a partir da qual faz circular termos como leite, sucção, tato – significantes erógenos primordiais, que estão associados à relação corpo a corpo com a mãe através da forma e da musicalidade da comunicação não-verbal estabelecida na dupla mãe/bebê. Nesse seu texto, ela aborda a temporalidade na clínica com bebês e o quanto é importante a presença do psicanalista nas situações traumáticas do par mãe/bebê. Apontando a importância da intervenção psicanalítica como possibilidade de intermediação na relação pais/bebê que colocaria em circulação as palavras que dariam contorno e amarração simbólica que poderiam servir de ancoragem à constituição psíquica do bebê, Silvia alerta que o traumático desses tempos primordiais pode não ser, necessariamente, os traumas em si, mas a impossibilidade de os profissionais terem uma escuta dirigida ao sofrimento do bebê e de seus pais.

No texto “Estética e Ética na Clínica Psicanalítica com Bebês”, encontrei uma contribuição marcada pela consistência teórica da psicanalista Leda Fischer Bernardino, que, entre a estética e a ética, traz muitas reflexões teóricas sobre o fazer do psicanalista que atende bebês. Marcando que essa intervenção nos coloca diretamente diante do eixo da teoria psicanalítica, nos aspectos que ela brilhantemente aborda.

Os elementos do inconsciente, os recalques e as resistências, a sexualidade infantil desde o nascimento, passando pelo Complexo de Édipo e sua resolução, as histórias familiares e as questões sobre a construção das relações parentais e, ainda, as questões sobre o desejo em torno do bebê.

A ética da psicanálise é a ética do desejo, quando a autora pode nos dizer de forma simples a especificidade que marca a clínica com bebês na psicanálise. Assinala que é o princípio ético dessa clínica que não muda, pois, independentemente da idade, todo ser humano é um ser de desejo – desejo esse advertido quanto a sua não satisfação, desejo que admite a falta como estrutural e que marca o diferencial da escuta psicanalítica.

O conceito de suplência que ancora esse processo terapêutico e as questões das relações parentais que oferecem ou que impedem um lugar para o bebê.

Parte 4 – A construção do laço com o bebê

Nesta parte, resalto o texto “De mãe para filha: a transmissão da maternalidade”, da psicanalista de Brasília, Regina Orth de Aragão, por entender que o tema se presta, e muito, à clínica fonoaudiológica com crianças. Penso que essa clínica exige que o fonoaudiólogo se depare com a mãe nos processos vividos com as crianças. É fundamental que ele possa refletir sobre o que Regina revela sobre os efeitos do laço mãe/filha a partir da transmissão da maternalidade. A autora apresenta em seu texto todo um referencial teórico que dá sustentação à construção da feminilidade e da maternidade pelos percalços de suas trajetórias psicosssexuais, e depois, segue mostrando as implicações dessas construções na clínica psicanalítica com mulheres. Acho oportuno que os fonoaudiólogos possam pensar, em suas intervenções, a partir da rica explanação teórica de Regina, as questões maternas. Mesmo que a psicanalista tenha se debruçado sobre a maternidade em relação à dupla mãe e filha, pode-se depreender que a maternidade é algo a ser construído, tanto para a mãe de filhas quanto para a mãe de filhos. E é sobre a delicadeza dessa construção que os profissionais que lidam com as mães, ao lidarem com seus filhos, deveriam atentar quando fizerem suas intervenções clínicas.

Ainda acho importante salientar que “O bebê desnutrido e sua mãe” da psicanalista mineira Paula de Souza Birchall, “Um perfil da mãe prematura” da pediatra neonatologista Maria Haydée Augusto Brito e da enfermeira Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa, e “Relação vincular entre crianças de um a três anos e suas mães imigrantes” das psicólogas Lúcia Grigoletti e Nize Nascimento são textos de impressionante relevância, pois falam de distúrbios afetivos relacionados a estados nutricionais da criança; de intervenções necessárias diante das dificuldades relacionadas à mãe do bebê prematuro e à mãe imigrante. Todos têm diretamente a ver com o fazer de muitos fonoaudiólogos, tanto na clínica da linguagem quanto nas UTIs neonatal e pediátrica.



Parte 5 – Atenção ao bebê nas instituições e Parte 6 – Psicanálise e pediatria

Nessas duas partes finais do livro, temos textos importantes, que nos colocam diante da atenção dos profissionais que estão em espaços mais amplos e com outros profissionais nas cenas clínicas testemunhando os trâmites e os obstáculos institucionais. O texto “Creche, psicanálise e prevenção” da psicanalista Daniela Teperman, aborda de uma maneira muito interessante o tema da prevenção na prática com a primeira infância, apontando a questão ética que se coloca no espaço escolar dos muito pequenos. Traz dois fragmentos clínicos muito instigantes, porque colocaram à prova o que os educadores dispõem, inicialmente, para compreendê-los. Cito aqui literalmente o que a autora nos traz como conclusão de seu texto, em seu último parágrafo:

Se a creche como instituição é um espaço privilegiado para a prevenção (...) também permite que, através de uma intuição “psicanaliticamente balizada”, os educadores possam promover condições para a constituição subjetiva antes impossibilitada, e que a creche possa funcionar como um terceiro para as famílias. Esses bebês que desestabilizam os educadores e a creche como um todo, ao não chegarem com receitas e instruções, levam-nos a ressignificar seu papel, levando às últimas consequências a impossibilidade de condutas homogeneizadas. (...) todos os bebês beneficiam-se de um “olhar prevenido” em relação à onipotência, a um saber todo, à construção de uma verdade única, olhar que achata as diferenças, as singularidades.

Temos, na sexta e última parte desta coletânea, uma interlocução primorosa entre a Pediatria e a Psicanálise, em que os autores fazem colocações acerca do espaço de cada profissão na clínica com o bebê. Nesse sentido, Silvia G. Myssior, em seu instigante texto “Da origem, à questão do sujeito – Intersecção: psicanálise e pediatria”, coloca o leitor diante da constatação de que os fenômenos psíquicos e somáticos se apresentam num mesmo corpo e que, por isso então, a Medicina e a Psicanálise não se excluem uma à outra.

Cabe-me finalizar esta resenha explicitando minha disposição ética de colocar numa revista tão específica temas muito mais abrangentes do que aqueles que seus leitores assíduos estão acostuma-

dos. No cômputo geral, a coletânea tem altos e baixos (em relação aos interesses de cada leitor e não em relação à consistência teórica dos autores), o que faz dela algo muito gostoso de se ler. Para quem, como eu, se interessa muito pela “causa dos bebês”, valeu a leitura completa do livro e tê-lo lido com o cuidado e com a atenção redobrados para preparar este texto. Mas para aqueles que têm muito claramente o critério de ler somente aquilo que diz respeito à sua área de inserção profissional, sugiro a leitura aleatória de alguns dos textos, distraidamente, porque é a riqueza dessa interdisciplinaridade sobre o fazer voltado à primeira infância que os leitores poderão saborear nessa coletânea.

Falta, ainda, sinalizar que o livro convoca o leitor a se abrir para a multiplicidade de sentidos neste campo... O que considerarei mais significativo para esta resenha é fazer o leitor se aproximar daquilo que a teoria psicanalítica tem a contribuir com outros fazeres clínicos, pois considero muito importante a presença do psicanalista nas situações traumáticas na primeira infância: tanto como possibilidade de intermediação nesses primeiros traumas do bebê e dessa mãe (muitas vezes exercendo pela primeira vez sua maternagem ou estando impedida de exercê-la), como por ser o psicanalista o profissional que poderia pôr em circulação as palavras que dariam contorno e amarração simbólica, servindo de ancoragem à constituição psíquica do bebê. Penso que todos os profissionais, das mais diversas áreas de atuação com a primeira infância, deveriam abrir mão de certa onipotência (sempre presente no ar, quando querem abranger mais do que a especificidade de sua formação permite) para poder convocar o psicanalista a intervir lado a lado com eles, resgatando a ética na atenção ao bebê e à criança pequena, tanto na saúde quanto na educação.

